

MARIA CRISTINA FURTADO

A Fábrica Mágica

Ilustrações de CLÁUDIO MARTINS

Suplemento do professor

elaborado por Camila Tardelli da Silva

A Fábrica Mágica tinha esse nome porque produzia brinquedos mágicos com o auxílio da Fada Madrinha. Mas certa vez ela não pôde ir à fábrica e foi substituída por seu aprendiz, que causou uma grande confusão. A fábrica quase foi fechada por conta disso, mas no fim das contas tudo acabou bem. Isso só foi possível graças à união de todos os brinquedos, ao fato de Seu Nonô ter descoberto que fora o primeiro a discriminar os “brinquedos especiais” e ao carinho de milhares de crianças que os receberam e se encantaram com eles, apesar de serem diferentes dos demais.

A atualidade dos temas da literatura infantil _____

O livro é bastante atual, pois toca em pontos cruciais para a época em que vivemos: a aceitação do diferente, a igualdade de direitos, a inclusão. Com base na leitura do livro, há um leque de temas para trabalhar em sala de aula. Explorar um a um, com delicadeza e profundidade, é o seu papel, pois a narrativa é perfeita para abordar a cidadania, de modo geral.

Nas aulas, não vá direto ao ponto, deixe que os alunos levantem suas dúvidas, exponham suas colocações e discutam o que mais lhes chamou a atenção. Talvez você nem precise instigá-los a olhar para determinada questão, pois ela será naturalmente levantada durante a leitura do livro.

Hora da história: a leitura em sala de aula _____

Comece a leitura já explorando o título. Peça aos alunos que digam o que é uma fábrica, o que se faz nela, se eles conhecem alguma ou alguém que trabalhe em uma. Em seguida, pergunte o que eles acham que seria uma fábrica mágica e o que ela poderia produzir. Partindo apenas do título da narrativa, peça a eles que produzam um desenho mostrando a fábrica por dentro e por fora. Em seguida, inicie a leitura da narrativa, que deve ser, no início, de mistério e magia, mostrando que é uma história que aborda um universo diferente, desconhecido. Para complementar, você pode escolher uma música ou decorar a sala de aula com desenhos inspirados pelo livro, a fim de criar um outro ambiente. A intenção é romper com aquilo que eles já estão acostumados, tornando a leitura um momento especial.

Outras sugestões de trabalho com o livro _____

→ **“Herrar é humano?”: discussões sobre ética e cidadania** – Depois da leitura, peça aos alunos que façam um pequeno texto descrevendo o personagem Reginaldo. Como imaginam ser o caráter do aprendiz? Como avaliam a atitude dele? Ao ler a descrição produzida pelos alunos, faça com que reflitam sobre as ações de Reginaldo e analisem o quanto elas prejudicaram tanto os brinquedos como o dono da fábrica e as crianças. Instigue-os a refletir se ele deveria ser penalizado, por que, como e de que forma isso amenizaria ou não a situação por ele causada.

Saindo da situação do livro, pergunte se eles conhecem alguém que já cometeu um erro de grande proporção, se eles têm exemplos que já observaram ou vivenciaram. Discutam sobre o que seria um erro, o que define o que é errado, se essa definição é eterna ou se pode ser reavaliada e o que fazer com as pessoas que erram.

Leve-os a comentar, na medida do possível, sobre seus próprios erros, em que momentos acharam que erraram, o que fizeram – ou não fizeram – para desfazer o erro que cometeram.

Volte, então, a esse trecho do livro. Pergunte sobre o que acham da atitude de Reginaldo de não pedir ajuda nem contar que havia errado. Por que será que ele agiu dessa maneira? Por que tinha tanto medo? Deixe que os alunos falem, façam paralelos com sua vida pessoal, com a vida escolar, com as experiências pelas quais passaram.

Toda essa reflexão pode servir como ponto de partida para um diálogo sobre o que é ética, como ser ético, e se ética consiste apenas em respeitar as leis impostas ou deveria ser a reflexão sobre sua coerência e pertinência?



Esta atividade é uma boa maneira de iniciar essa conversa, partindo da leitura do livro, dos questionamentos e das ideias que a turma trouxe para a sala de aula. A curiosidade, a vontade de saber devem ser construídas, com sua ajuda, que irá manter um fio condutor, levando os alunos a entenderem o quanto as questões relacionadas à ética e à cidadania são fundamentais na sociedade. Depois, essa discussão pode ser ampliada, analisando o comportamento e as atitudes de outros personagens, de outros livros trabalhados com a turma, por exemplo.

→ **Desconstruindo** – Uma atividade que pode ser vinculada à anterior ou mesmo ser trabalhada separadamente é a produção de textos descritivos a partir dos textos verbais e não verbais do livro.

Partindo da descrição do personagem Reginaldo, por exemplo, você poderá ler os textos produzidos para a sala, destacando as características de um texto descritivo e ajudando os alunos a diferenciá-lo de outros tipos textuais (narração, dissertação).

Em seguida, pergunte aos alunos em quais gêneros textuais as descrições costumam aparecer (notícias, reportagens, biografias etc.), fazendo com que eles reflitam sobre o que é uma descrição, se ela tem apenas juízos de fato, isto é, descrevem o objeto como ele realmente é, ou se trabalha com juízos de valor, ou seja, qualidades atribuídas pelo emissor (aquele que produziu a mensagem), a partir de sua cultura, de seus valores, daquilo que julga como bom ou mau, bonito ou feio.

Essa discussão pode e deve ser ampliada posteriormente, através de análise de diversos textos descritivos, que você previamente selecione, observando em quais momentos eles apresentam juízos de fato ou de valor. É possível também discutir objetividade e subjetividade. Cabe a você mostrar ao aluno a importância de percebermos que sempre há alguém por trás do texto, que há sempre um emissor, por mais que ele esteja escondido. Mostrar ao aluno que todo discurso é impregnado de ideologia, de valores, e que, por isso, sempre devemos desconfiar daquilo que lemos, além de ler os mais diversos textos que representem as mais diversas vozes possíveis.

Retornando ao trabalho com descrições, você pode pedir que os alunos leiam e descrevam determinada imagem ou cena que você julgue mais interessante, fazendo com que eles percebam que a imagem também é uma linguagem, que ela também comunica, que também conta a história. Um trabalho interessante é a produção de textos apenas com linguagem não verbal – juntamente com o professor de Artes, se possível. Seu papel, professor, será mostrar a eles que seja usando a linguagem verbal, seja usando a não verbal, eles devem procurar se aprimorar cada dia mais, brincando com os sentidos, com as possibilidades de leitura, enriquecendo sua produção textual.

Ampliar a concepção de texto do aluno, levando-o a conhecer outras linguagens e mesmo saboreando as entrelinhas de texto verbais, é um trabalho de desconstrução da concepção errônea do que é um texto e de como ele deve ser trabalhado. Tanto a análise quanto a produção de um texto é um processo gradual, que deve ser construído pelo aluno, a partir das orientações do professor.

→ **Brinquedos especiais** – O tema central da história são as necessidades especiais. Os brinquedos da Fábrica Mágica passaram a apresentar sérias deficiências físicas, após a mágica desastrosa de Reginaldo.

Durante a leitura: não deixe de enfatizar o momento em que esse personagem se assusta com o que fez. Faça perguntas aos alunos: o que houve? O que eles acham que o aprendiz fez? Leia novamente a reação que Seu Nonô teve (gritar e desmaiar). Se preferir, você pode imitar o grito dele para que os alunos fiquem ainda mais curiosos. Enquanto lê, procure executar as músicas do CD na sequência em que aparecem. Peça, então, que todos fechem o livro e volte a perguntar o que eles acham que aconteceu com os brinquedos. Deixe que criem as mais variadas hipóteses, ressaltando que Reginaldo é mágico e, portanto, pode ter feito qualquer coisa com os brinquedos.



Leia, então, o que aconteceu com eles e feche novamente o livro. Pergunte aos alunos o que acham que vai acontecer, o que Seu Nonô poderia fazer para entregar os brinquedos no prazo. Pergunte como eles resolveriam a situação. Anote o que eles falarem em seu diário, para que possa ser retomado posteriormente. Continue a leitura da história contando qual foi a reação de Seu Nonô. Pergunte a eles, então, sobre o que pensam a respeito da atitude dele: foi a melhor que ele poderia ter tomado? Por quê?

Siga com a leitura, ora narrando, ora parando e fazendo com que os alunos reflitam sobre as atitudes dos personagens, sobre o que fariam em determinada situação, pedindo que indiquem o que acham certo e o que acham errado diante de cada conflito apresentado.

Ao chegar à parte em que os brinquedos concluem que são mágicos e que poderiam ser enviados às crianças mesmo com algumas deficiências, pare a leitura e pergunte o que os alunos pensam sobre isso, se acham boa a ideia, se as crianças irão gostar dos brinquedos especiais, por que nenhum personagem teve essa ideia antes etc.

Leia com eles, então, o que aconteceu, o quanto as crianças gostaram dos brinquedos que receberam e como convenceram seus pais que amavam aqueles brinquedos do jeito que eles eram. Observe a reação da turma e, posteriormente, faça um debate sobre preconceito e discriminação. Releia a fala em que Seu Nonô afirma ter sido o primeiro a discriminar e a excluir os brinquedos. Instigue-os a refletir se é possível alguém discriminar e excluir sem perceber, se já viram isso acontecendo, se já passaram por isso, seja discriminando, seja sendo discriminado.

Após a leitura: seria interessante levar para a sala de aula um filme que aborde essa temática – deficiência física – e fazer um paralelo entre os personagens do livro e os do filme (veja o item *Indicações* deste suplemento), procurando situações parecidas e diferentes, analisando a atitude dos personagens, tanto positivas quanto negativas. Esta é uma maneira de o aluno, analisando o outro (o personagem), refletir sobre suas próprias atitudes. Traga, então, para a sala, uma série de questões: o que é exclusão? Por que algumas pessoas são excluídas? Quem exclui? Por quê? Qual é a sensação de ser excluído? Os deficientes físicos não podem fazer as mesmas coisas que as pessoas não deficientes fazem? Eles conhecem pessoas com deficiência física? Elas realmente não podem fazer as mesmas coisas que as outras? O que conseguem e o que não conseguem fazer? Por que então sofrem preconceito para realizar atividades que podem fazer sem o menor problema? Por que são discriminadas? Há alguém na sala com deficiência que possa dar seu testemunho?

Leve os alunos a repensarem a maneira com que a sociedade trata os deficientes físicos e a perceberem que eles podem fazer diversas coisas, desde que os objetos e os espaços sejam adaptados a eles. Incentive-os a refletir sobre as ruas da cidade onde moram, se elas possibilitam, por exemplo, a passagem de cadeiras de rodas, se os transportes públicos realmente cumprem seu papel, se os espaços públicos são adaptados para facilitar a locomoção dessas pessoas.

Para terminar o trabalho, divida a sala em grupos e peça que produzam cartazes mostrando o que nós podemos fazer para incluir os deficientes físicos, para que eles tenham seus direitos respeitados. Peça também que os grupos elaborem um texto descrevendo o trabalho realizado e que mostre o que aprenderam durante sua produção.

Você poderá realizar uma exposição, posteriormente, com os produtos que os alunos elaboraram, para que outras turmas possam ver e aprender com o trabalho. A exposição poderá também ser aberta à comunidade. Isto seria, inclusive, o ideal, dado que para termos uma educação de qualidade não basta olharmos apenas para os alunos, temos de pensar em toda a comunidade em que a escola está inserida.



Indicações de textos, sites, filmes e livros que poderão ser associadas ao livro

→ Filmes:

Ficção:

Procurando Nemo. EUA, 2003. Direção: Lee Unkrich, Andrew Stanton.

Meu pé esquerdo. Inglaterra/Irlanda, 1989. Direção: Noel Pearson.

Vermelho como o céu. Itália, 2006. Direção: Cristiano Bortone.

De porta em porta. EUA, 2002. Direção: Steven Schachter.

Sempre amigos. EUA, 1998. Direção: Peter Chelsom.

Documentário:

Janela da alma. Brasil, 2001. Direção: João Jardim e Walter Carvalho.

→ Sites:

Site do Projeto Curumim com links de curta-metragens sobre deficiência:

<www.cpep-fisio.com.br/filmes/tvescolafilmes.html>.

Edição especial da revista Nova Escola sobre inclusão:

<<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-especiais/026.shtml>>.

Entrevista com o psicanalista Contardo Calligaris sobre os prejuízos da exclusão:

<<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=10418>>.

O que é inclusão?, texto de Marta Gil, socióloga, da Rede Saci:

<www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ede/edetxt1.htm>.

→ Livros para os alunos:

Os invencíveis, de Telma Guimarães. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

Sem açúcar, com afeto, de Telma Guimarães. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

→ Livros para orientação do professor:

Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?, de Maria Teresa Eglér Mantoan. São Paulo: Moderna, 2003.

Escola inclusiva, de Enicéia Gonçalves Mendes. São Carlos, SP: Edufscar, 2004.

Respostas e comentários do Suplemento de atividades

1. A) “Louis Braille foi o inventor do Código Braille. Ele ficou cego dos dois olhos com três anos, quando sofreu um grave acidente na oficina de seu pai. Apesar de possuir essa limitação, nunca deixou de estudar, de aprender, de tentar descobrir outras maneiras de ler e escrever”.

Professor, esse é um bom momento para realizar um trabalho sobre a cegueira, sobre o sistema Braille, como ele funciona, quando surgiu, por que contribuiu tanto para a qualidade de vida dos cegos etc. É um trabalho que complementa o dos brinquedos especiais.

B) A ARIEDAC ED SADOR É AMU ARIEDAC ADATNOM ERBOS SADOR EUQ É ADAZILITU ROP SAOSSEP MOC EDADLUCIFID ED OÃÇOMOCOL. ALE EDOP RES LAUNAM UO ACIRTÉLE. ROP RES OTIUM ADAZILITU ROP SETNEICIFED SOCISÍF, ZAF ETRAP OD OLOBMÍS EUQ ACIDNI OSSECA A SAOSSEP MOC SEDADISSECCEN SIAICEPSE.

Professor, pergunte aos alunos se acharam mais difícil ler ou escrever nesse código. Provavelmente eles responderão que escrever é mais difícil. Estimule-os a refletir por que. Leve-os a perceber que esta atividade é mais difícil, pois estamos acostumados a escrever da esquerda para a direita e quando tentamos



fazer o contrário é comum nos confundirmos. Já na leitura, o esforço é um pouco menor, pois precisamos apenas decodificar, não há a necessidade de descobrir como cada palavra se escreve no código.

2 Pião, bilboquê, peteca, bola de gude.

C	M	L	Q	A	L	A	P	E	D	L	W	E	T	C	Q	I
B	B	A	W	L	O	R	E	W	Q	P	O	I	U	Y	N	B
I	Q	E	O	F	W	E	L	O	U	O	Q	A	N	A	M	B
L	E	R	T	F	G	H	P	I	Ã	O	Q	D	Ã	O	Q	P
B	T	H	U	O	L	P	A	L	Q	W	C	X	Z	V	D	E
O	N	O	L	B	I	O	O	A	Q	U	I	R	E	T	S	T
Q	I	O	O	S	R	B	O	L	A	D	E	G	U	D	E	E
U	A	D	W	N	Z	O	I	A	U	S	E	Q	R	T	D	C
Ê	A	P	Q	T	D	W	Q	T	U	I	Y	D	S	Q	E	A

A partir desta atividade, seria interessante realizar um trabalho com esses brinquedos e brincadeiras antigas, trazendo-os para a escola, fazendo com que os alunos os conheçam, na prática. Uma pesquisa com pais e avós, levantando histórias relacionadas a essas brincadeiras também é uma boa ideia.

3. B) Antônimos de apressado: vagaroso, lento, moroso, demorado. Por meio dessa atividade, você pode trabalhar a diferença entre as cidades grandes e as pequenas, os problemas das metrópoles (trânsito, violência, transporte, poluição etc.) e os das cidades pequenas (pouco acesso ao lazer, à cultura, à educação, à saúde, ao transporte etc.). Você pode, após os alunos produzirem os desenhos, levar para a sala de aula o poema “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade, para que seja lido e interpretado pelos alunos. Sugira, então, que produzam um poema sobre as cidades grandes, falando de suas belezas e de suas feiuras.

4. A) Pôr para fora; não contar; não incluir; expulsar, omitir; privar da posse de alguma coisa; não tomar ou não deixar tomar parte.

B) Estimule-os a perceber que tanto o Seu Nonô, inicialmente, quanto os pais das crianças excluíram os brinquedos especiais.

C) Demonstre interesse pelo texto que produziram, tecendo comentários, fazendo elogios e considerações.

5. Retome essa atividade em sala, pedindo que cada um leia suas respostas, comentando o que observou em cada imagem. Façam, juntos, a leitura de uma das imagens do livro. Se possível, trabalhe a produção das ilustrações em sala de aula, ajudando os alunos no planejamento e elaboração dos desenhos. Se necessário, peça orientação e colaboração do professor de Artes.

6. Todas as respostas dessa atividade são pessoais. Retomá-la em sala de aula pode ser o início de um trabalho sobre música. Vocês podem analisar, juntos, todas as músicas do livro, que falam sobre inclusão, união, sobre a necessidade de nos unirmos para lutar por um mundo mais justo, mais humano. Este trabalho pode, inclusive, ser o produto final, isto é, você pode explorar a última parte da atividade, pedindo para os alunos produzirem músicas a partir de tudo o que trabalharam anteriormente. Se você tiver experiência com música ou se algum professor da escola tiver e puder ajudar, certamente o trabalho será ainda melhor.

